

AO MESMO TEMPO QUE A REAÇÃO ACELERA SUA MÁQUINA COMPRESSORA DAS LIBERDADES — OS EXPLORADORES DA MISÉRIA DO POVO CONTINUAM A AGIR IMPUNEMENTE. SOMENTE A AÇÃO POPULAR PODERÁ POR FIM A ESSA SITUAÇÃO REVOLTANTE

S. PAULO, 15 DE JANEIRO DE 1948

ANO 31 — NUM. 12 (Nova fase)

A PLEBE

PELA LIBERDADE COM O ANARQUISMO

(Avulso: Cr\$ 0.50 — Assinatura: Cr\$ 30.00)

Diretor-Gerente: EDGARD LEUENROTH

É o Estado que, por seus códigos, mantém a monstruosa desigualdade de condições que hoje existe.

Pi y Margall.

Os atentados contra a liberdade de imprensa

Uma série de acontecimentos que envergonham e deprimem a cultura político-social do nosso povo e que demonstram os propósitos fascitantes dos homens que, no poder, ao qual galgaram pelas escadas dos cambalhões políticos, vem-se desenrolando ultimamente em São Paulo.

Três órgãos da imprensa foram vítimas de violências covardes, que se caracterizaram, pela audácia dos que nelas tomaram parte, e que muito se assemelham às expedições punitivas do nazi-fascismo. Indivíduos mascarados, saltando de um caminhão, a altas horas da noite, invadem as oficinas de dois jornais, um dos quais adota em seu programa a norma do combate aos desmandos dos poderosos, sendo o outro um inofensivo órgão dedicado aos esportes. Dias antes, uma caravana policial põe em rebolço as famílias que moram nas adjacências de outro órgão da imprensa, também a altas horas da noite, com o propósito divulgado de impedir a publicação de comentários desfavoráveis ao governo, que afirmaram iriam ser publicados, violando, assim, a liberdade de imprensa e as normas constitucionais que regulam o assunto.

Continuando essa série de atentados, é invadido, assaltado, rebuscado o escritório de um deputado pertencente a um partido de oposição, ao mesmo tempo que a sede desse partido era também assaltada por indivíduos que foram identificados como elementos comandados por um cavaleiro que tem função e cargo de responsabilidade numa indústria da qual faz parte o governador, indivíduo que teve o desprazer e a audácia de afrontar a própria Assembléia Estadual, ali penetrando, armado e arrogante como quem tem as costas quentes...

Podemos não concordar, ou mesmo discordar das normas seguidas pelos jornais que foram vítimas de violências; não somos políticos e a nossa revolta contra os assaltos à sede de um partido e ao escritório de um deputado não é movida por simpatias partidárias.

Sempre defendemos a liberdade, que constitui o objetivo do nosso apostulado social. A prática da violência e das injustiças, estejam onde estiverem, quaisquer que sejam os agentes dessa prática, encontra em nós, como sempre encontrou, a mais absoluta repulsa e revolta.

Consideramos que o grau de civilização de um povo se mede pelo conceito de liberdade de seus habitantes.

Constatamos, por outro lado, que temos razão quando afirmamos que é no Estado, nas competições políticas, na engrenagem social vigente baseada no jogo de interesses antagonísticos que repousam as causas das desordens sociais, do rebaixamento moral que leva indivíduos à prática de violências como essas a que acabamos de assistir.

Quando os governantes sentem fugir-lhe a terra debaixo dos pés; quando a insegurança se apodera dos seus cérebros, tornam-se tirânicos e permitem que indivíduos fanáticos espalhem a violência e abusem das suas prerrogativas para impôr, pela força, as suas opiniões partidárias.

O ambiente de insegurança que impera em nossa capital; os atentados contra a imprensa e os assaltos levados a cabo com propósitos políticos são de molde a considerar que nenhum órgão da imprensa se pode julgar em gozo de direitos que lhe são assegurados por uma Constituição que, assim, pode ser violada com tanta falta de respeito, não obstante afirmarem ser ela a garantia desses mesmos direitos.

Isso deve constituir uma advertência para aqueles que ainda julgam possível trabalhar pela causa popular fazendo acordos políticos, visando a posse do poder por meio de lutas parlamentares e arranjos com politiqueros.

Estamos vivendo dias que caracterizam bem um período de transição

social. Em todas as fases de transformação por que tem passado a humanidade se acentuaram os desregramentos do poder, a degenerescência moral dos governantes e a consequente fobia da autoridade a investir contra os princípios de liberdade.

A cegueira das paixões não deixa sequer que os indivíduos levados à prática desse banditismo raciocinem sobre a inutilidade dos seus atos, Sim, porque a violência gera violências, e esses atentados só podem provocar a reação popular contra aqueles que, responsáveis ou não, permitem, entretanto, que em seu nome, ou em nome da corrente partidária a que estão filiados, pisem nos pés, arrogantes na sua impunidade, o direito de crítica, o direito de ser livre nas manifestações do pensamento.

E a liberdade de imprensa, o direito de opinião e a faculdade de expor cada qual o que pensa, são conquistas de séculos que deixaram pelo caminho os cadáveres de muitas vítimas.

Sem chefes e sem líderes

O pensador, o filósofo, o revolucionário do movimento libertário não podem ser líderes porque caminham sempre nas primeiras filas das massas, pensam mais alto que as massas, têm conceitos mais elevados que as mediocres e incolores expressões das massas inconscientes. O líder não é avançado; tem que ser um conservador para que a massa ineducada possa entendê-lo e aceitá-lo como chefe; pois é bem sabido por todos aqueles que têm estudado a psicologia das massas, que estas, em virtude de sua incultura, são conservadoras, que não aceitam as idéias dos inovadores senão quando já se tornam velhas, isto é, quando aparecem outras novas e assim sucessivamente. O líder, pois, tem que pensar como as massas. Se por casualidade tem impulsos generosos, alentos de inovador, terá que reprimi-los para que a multidão amorfa não lhe volte as costas. Assim, pois, o líder tem que ser um perfeito clínico; tem que fingir e desejar o que a vulgaridade deseja e crê. Assim, ao prego do contínuo rebaixamento de sua dignidade, reprimindo seus impulsos mais sinceros, estrangulando as suas aspirações mais puras, é como podem certos homens contar com as baixas intrigas que são forçados a pôr em jogo para ganhar a posição pouco invejável de condutores de rebanhos, condutores de nome, porque, na realidade, o líder é arrastado pelas massas, a cujas idéias tem que amoldar as suas.

Estabelecendo um contraste, pode-se dizer que o militante luta com as massas com a preocupação de educá-las e conduzi-las à libertação, enquanto que o líder delas se serve para explorá-las politicamente como força para as suas conveniências partidárias.

Ricardo Flores Magón

A posição dos anarquistas nas lutas sociais

O anarquista não quer fazer escada do seu companheiro de desventura; não procura melhorar sua posição tornando-se instrumento da cobardia do capitalista; não se presta aos desejos do patrão, não se humilha diante dele, não pactua com o inimigo seu e da sua classe. Não aspira a viver à parte, enquanto todos sofrem; não separa a sua causa da dos seus companheiros; não reconhece diferença de raça ou de nacionalidade; não se ilude imaginando poder arrancar ao capitalista concessões valiosas e duradouras, não pensa exclusivamente no seu interesse momentâneo, mas remonta à causa dos seus males e contra ela se insurge. O anarquista pede para os outros o mesmo que para si; recusa servir de rufião aos patrões; revolta-se contra todas as instituições presentes porque todas sancionam a onipotência dos ricos; não vota, para não consentir na sua escravidão e para não se deixar enganar pelos costumes mariolas; não confia nas mentirosas promessas dos governantes. E ao burguês que tenta, para o subjugá-lo, ora a força, ora a lisonja, ele responde: "O teu ouro não me seduz, porque fui eu quem o extralei das montanhas da terra. As tuas vinganças não me aterrorizam, porque a vida que me deixas é uma contínua agonia. O teu poder está condenado a cair. Eu gozo combatendo-o, e cada revolta minha acelera o triunfo da liberdade e da justiça!"



O polvo clerical

O ultramontanismo domina soberanamente em todos os setores da vida brasileira. Executando as palavras de ordem ditadas pelos altos poderes do Vaticano, os agentes do governo papalno espantam-se por todos os cantos do país, desde as grandes capitais até os pequeninos arraiais do sertão brasileiro. Agem no recesso do lar, minando consciências por intermédio do confessionário e das aulas de catecismo ministradas nas sacristias; invadem as repartições públicas, dominam o ensino nas escolas, chegam até às forças armadas, são encontrados nos meios associativos, exploram no comércio e na indústria e dominam na política e nas esferas governamentais.

Centro de Cultura Social

O Centro de Cultura Social prossegue em sua obra de educação popular, realizando conferências e debates sobre temas de caráter social, científico, artístico, etc.

Aos sábados, às 20 horas, as conferências públicas são realizadas no salão da rua Libero Badaró, 386, onde tem falado oradores das mais diversas orientações.

As segunda-feiras, também às 20 horas, na sede do Centro, à rua José Bonifácio, realizam-se sessões dos sócios para debates sobre assuntos de atualidade relacionados com o movimento social.

Registrados, vales postais e cheques em nome de Edgard Leuenroth. — Caixa Postal 2162.

Agitação proletária na França

A odiosa exploração de elementos políticos. A Federação Anarquista Francesa concita os trabalhadores à ação direta

A Federação Anarquista Francesa dirigindo-se aos trabalhadores pelas colunas de "Le Libertaire", esclarece a posição dos anarquistas em face dos movimentos grevistas que vêm agitando a França ultimamente:

"As greves atuais tem, em seu conjunto, um indistincto caráter político. Mas elas são perfeitamente justificáveis pela alta contínua dos preços e a insuficiência dos salários.

A maioria stalinista da direção da C. G. T. (Confederação Geral do Trabalho), serviu-se das aspirações dos trabalhadores como ensaio de fins políticos, com o propósito de forjar o apoio a Molotov na Conferência dos Quatro.

Por outro lado, os reformistas da "Força Operária" e os pseudo-sindicalistas da C. F. F. C. tentam aproveitar-se do movimento de greves para justificar as campanhas de "Le Populaire" e de "L'Aube", em virtude de sua conduta pro-governamental e a conduta antisindicalista dos militantes que os acompanham. Se eles são contra o movimento atual, é unicamente por medo dos stalinistas e por indiferença ante a ação direta do proletariado: favorecem dessa forma a propaganda stalinista, que procura aparecer como sendo a única que trabalha em favor dos operários.

Enquanto isso, Schumann aproveitasse da indecisão de uns, da indiferença de outros, e apoia-se na complacência dos parlamentares S. F. I. O. (Partido Socialista) para aplicar ao pé da letra uma constituição que foi discutida e aceita por todos os partidos "da esquerda", que reconhecem o direito de greve "dentro da lei". E faz votar novas leis celeradas inter-

ditando, de fato, qualquer expressão do movimento operário.

A Federação Anarquista declara que a libertação total dos explorados não será possível senão como resultado da Revolução Social, e que, sobre o plano da ação operária, a greve geral expropriadora, sem qualquer caráter político, pode dar aos trabalhadores o controle e a gestão da produção, fruto de seu trabalho.

A Federação Anarquista sente-se no dever de alertar os trabalhadores contra todo e qualquer ato de desencorajamento ante o insucesso das greves atuais, mal encaminhadas e conduzidas sem finalidade, sem entusiasmo, sem consentimento popular.

Conclama os trabalhadores a manter-se na ação e organizar as suas lutas dentro dos sindicatos revolucionários, de maneira a fazer surgir das greves atuais um renascimento operário, que se fará sentir à medida que os partidos políticos se forem desacreditando.

Quando deixar...

Esta mania de dirigir os homens, a produção, a troca, de absorver todas as iniciativas, de fazer, como se diz, o Estado totalitário e de universalizar-lhe as funções, deverá acabar como todas as aberrações humanas. Inúmeras catástrofes produziu já, e outras produzirá. Mas a gravidade do mal obrigará a raciocinar, cedo ou tarde. E quando se raciocinar voltar-se-á à liberdade.

FRANCESCO NITTI

Tesourando...

O ESTADO COMO MAL TRANSITORIO?

Albertino Moreira é um brilhante jornalista de Santos. É também escritor com várias obras sobre o problema social. E como escritor, participou do Congresso de Escritores Brasileiros recentemente realizado em Belo Horizonte, ao qual apresentou um interessante trabalho estudando os deveres dos intelectuais no atual momento.

Desse trabalho extralimos este trecho sobre o Estado:

"A nossa liberdade, numa palavra, está declarada e reconhecida pelo Estado-jurídico, que é órgão de compressão posposto acima e fora da sociedade, com o propósito de mantê-la dentro duma certa ordem e harmonia, num equilíbrio de forças e interesses — os indivíduos ou súditos, constringidos a respeitar-se mutuamente, não porque esta é a condição da existência da sociedade humana, mas somente porque assim o determina e impõe o Estado órgão e aparelho de coação.

Há de chegar, afinal, o dia em que não se fará mister a existência do Estado — mal necessário, de caráter transitorio, e, esse dia chegará quando os homens se compreenderem melhor, reconhecendo uns aos outros como semelhantes, iguais nos direitos e nos deveres."

Discordamos apenas do ponto em que o dr. Albertino Moreira considera o Estado um mal necessário de caráter transitorio. O Estado é um mal e, por isso, deve ser eliminado sem perda de tempo. Se suportamos a sua tirania é porque ainda não podemos acabar com ele. Mas nem como mal transitorio devemos admitir a legitimidade de sua danosa existência.

BELA LIBERDADE!

O deputado Lincoln Feliciano, discursando na Assembléia Legislativa de São Paulo, disse o seguinte sobre a famosa liberdade que se afirma existir na democracia burguesa.

"Para mim não é possível que se redemocratize o Brasil apenas com reforma política. Necessita ele, também, de reforma social e econômica. A própria liberdade, por todos os povos e em todas as épocas exaltada, como o maior dos bens, tem, hoje em dia, novo sentido. Não há liberdade com escravidão econômica. De que me serve ser livre, para votar e ser votado, se chego ao meu lar, em casa alheia, sem o menor conforto, e acho minha mulher desdentada, magra, doente e meus filhos amarelos, mal alimentados ou passando fome? Bela liberdade!"

Está certo, não acham?

CERTÍSSIMO!

Numa explosão de franqueza rara, um vereador carioca assim se pronunciou, segundo um diário do Rio:

"De modo franco e sincero, o representante trabalhista explicou por que deixa a Câmara de Vereadores: — Renunciarei ao mandato que me foi conferido pelo povo — declarou S. S. — pela razão muito simples de que não seria razoável ganhar quinze mil cruzeiros mensais sendo

inútil à coletividade. Entendo que não servi aos interesses daqueles que me elegeram supondo que eu pudesse transformar em coisas concretas as idéias e as sugestões que ventilei, durante meses, tanto no microfone como pelas colunas dos jornais. Nada fiz de útil. Minha linha política foi a oposição veemente, conduta que me obrigou a debates muito vistosos mas improdutivo. Fui um demagogo. Participei, em plenário, de lutas partidárias apaixonadas, que dão muito cartaz mas não enchem a barriga do respeitável público pagante. O cartão, depois de sete meses de função legislativa, continuou amargurado pelos mesmos problemas e aflições que antes o atribulavam."

Se todos os profissionais da política assim procedessem, seria mais fácil convencer o povo de que ele é que deve cuidar diretamente de seus interesses.

DESTRUINDO IDOLOS

Respondendo a uma leitora, que lhe havia escrito, V. Cy disse coisas interessantes em uma de suas últimas crônicas de "O Estado de São Paulo". Delas damos esta amostra aos leitores de "A Plebe":

"Sabendo quais são os deuses aparentes da nossa época, Você talvez queira que eu lhe diga quais são os verdadeiros. São dois, um deus e uma deusa: o Estado e a Moeda. Veja bem se não são.

Como acima lhe disse, a sina do homem é destruir sucessivamente os deuses que ele próprio cria. Assim, é possível, é mesmo provável, que um dia venha a destruir também os dois ídolos monstruosos que hoje adora."

Será preciso dizer que está certo?...

MILAGRE É MILAGRE...

Entre os miseráveis que rastejaram em Urucaia, em busca dos "milagres" do padre Antonio, foi vista Carolina Nogueira, residente no Rio de Janeiro. É paraplética de ambas as pernas há 26 anos. Foi levada a Urucaia por seu filho. Recebeu três bênçãos coletivas e continuou jogada na rua, sobre uns trapos. Mas acontece que Carolina Nogueira não tem fé nenhuma nos milagres do sacerdote. Quando se realiza a bênção, acende um cigarro e fuma, zombando do padre. Quer ficar boa, mas diz que não se deixa suggestionar. E assim a paraplética desafia os poderes miraculosos.

"Milagre é milagre — diz — e se é preciso fé, então não é milagre!" Também está certo...

PALMIRO LEAL

Uma fábula social

Com o furor e a habilidade que os caracterizam, entregavam-se dois selvagens a uma espécie de jogo de dados, um pouco diferente do nosso. Via-os jogar um europeu, que aplaudia calorosamente sempre que um deles fazia bons pontos: — Bravo, Sol Brilhante! — Muito bem, Serpente Negra! (Sinais representados pela tatuagem que cobria o corpo dos selvagens).

Muitos morreram de fome, outros de pestes, e alguns de raiva. Depois fez-se silêncio. Não se falou mais deles. Ficaram esquecidos, abandonados à própria sorte. O motivo desse abandono por parte das democracias deve ser procurado na declaração feita pelo conde Romanones quando chegou à França. "Fiz-se mais na Espanha — disse ele — em poucas semanas, que na Rússia em tantos anos".

Efetivamente! A obra de socialização realizada na Espanha rebelde pelas coletividades foi de molde a deixar em ridículo a todos aqueles que dizem que o anarquismo é desordenado e que é impraticável. Estradas de ferro, serviço de alimentação, de transporte e hospitalar, a imprensa, o ensino escolar e as indústrias de guerra, nas quais se fizeram descobertas e improvisações que deixaram perplexa a turma dos generais renegados, tudo, enfim, que se tornava necessário e imprescindível à vida do



Meu Caderno de Criança

UM MENINO INFELIZ III

No Instituto Disciplinar

Numa manhã em que Gastão ia passando por uma avenida, dois garotos o chingaram de vagabundo. Ele sentiu-se picado e, de repente, quando passava um bonde, deu um sóco na nuca do moleque e fugiu, tomando o coletivo. Um guarda-civil, que havia presenciado a cena, prendeu-o. Foi levado à delegacia, de onde foi mandado recolher ao Reformatório Modelo, visto não haver ninguém responsável por ele.

Na escola correcional Gastão tornara-se logo amigo de todos os seus companheiros de infortunio. Fazia qualquer serviço e praticava esportes, quando lhe era permitido. A noite dedicava-se ao estudo, lendo livros que lhe emprestavam. Mais tarde começou a ensaiar em escrever crônicas e poesias, descrevendo cenas da vida real. Também gostava de escrever sobre a história das civilizações.

Assim vivia o pobre Gastão no Reformatório Modelo. Sabia que quando completasse vinte e um anos poderia, se quisesse, sair de lá e viver de outra maneira.

Um dia, tendo sido combinada uma partida de futebol entre os meninos do Reformatório e os alunos do ginásio onde Gastão estudara, este mostrou-se alegre e ao mesmo tempo triste. Ia rever seus amigos de outrora, mas ia também recordar o passado de sua vida cheia de angústias. Via-se na alegre despreocupação da infância, entre os seus irmãos, lembrava-se do caminho percorrido em direção à escola, beirando a chácara de d. Paulina, à sombra dos eucaliptos, a conversar com Esmeralda. Essas recordações fizeram-no chorar amargamente sentado num banco de taquarussús.

De repente, olhou para o banco onde estavam sentadas as meninas convidadas ou simples assistentes ao jogo e reconheceu entre elas Guiomar. Enxugou as lágrimas e levantou-se. Deu uns passos e, juntando dois dedos, levou-os à boca, soltando um assobio agudo. Aquele assobio quebrou a solidão no taquaral e chamou a atenção de Guiomar, que o reconheceu e o olhou compadecida.

LIBERTO

Nosso Balancete

Devido a dificuldades gráficas de última hora tivemos de deixar para o próximo número o balancete administrativo de "A Plebe".

Apenas o mais habil ganhou a partida, disse no europeu que tanto o animara com seus aplausos e ovações:

— Cara páldia! sou eu quem terá o prazer de te comer...

Quando o povo aplaude os discursos que os políticos profissionais declamam no parlamento ou na praça pública, representa o papel do europeu, em quanto era jogado pelos canibais.

B. MALON

TODOS IGUAIS!...

Continuamente os anarquistas fazem uso, quando se trata de expor os seus princípios, o que é muito natural, da expressão **todos iguais**, defendendo o conceito de igualdade na distribuição dos direitos e deveres da futura organização do mundo livre.

Para a maioria daqueles que não conhecem do anarquismo senão as expressões depreciativas que se lhes deparam na imprensa a serviço de monopólios, essa igualdade proclamada pelos anarquistas corresponde a nivelamento de classes, ou, para ser mais claro, a fazer descer a burguesia, o capitalismo, ao nível do proletariado. Todos iguais, no entender dos adversários do anarquismo, equivale a que todos deverão plantar batatas, comer cenouras, morar em casas iguais, vestir-se da mesma forma!

Esse conceito, que serve de argumento contrário nas discussões que se travam em torno do mais elevado ideal humano, apavora os que, bem colocados no banquete da vida, estremeçam com a idéia da queda, do rebaixamento, da colocação niveladora na escala social, inquietando-os com a idéia de que serão obrigados a descer ao mesmo nível em cujo plano chafurdam e se estiolam as classes operárias em consequência da miséria e da opressão.

Ora, não há nada mais errado, menos lógico do que esse absurdo nas concepções da futura sociedade comunista-libertária. O que os anarquistas querem, é precisamente o contrário. É fazer com que as classes que não têm nada subam até o nível daquelas que têm tudo. Não desejam estabelecer uma sociedade onde todos sejam miseráveis, mas construir um edifício social em que todos sejam ricos. É claro que, no caso, não se entende por ricos esse mundo de mazelas morais, de torpes explorações, de vícios e desregramentos de que é composta a sociedade capitalista, mas a possibilidade, para todos os seres humanos, de participarem dos benefícios da ciência, das artes, da cultura, dos meios, enfim, necessários à satisfação de todas as necessidades. Se os anarquistas, através dos meios de divulgação e propaganda que possuem, concitam à supressão dos privilégios, referem-se àquilo que não terá razão de ser dentro do comunismo-libertário, e que hoje constituem a forma pela qual o capitalismo se faz assegurar o direito de explorar os seus semelhantes.

Os anarquistas não condenam a existência do automóvel, do rádio, do avião, de todas as coisas belas e úteis. Condenam o privilégio que têm alguns de possuir e usar essas coisas todas, enquanto a outros não lhes é permitido fazê-lo. Condenam, principalmente, o fato de que, para usarem essas coisas, alguns explorem o trabalho de outros, que constroem os seus prazeres, e até mesmo os seus vícios, com a miséria dos seres a quem exploram o trabalho, os sentimentos, a honra e a dignidade.

Ao contrário, todas as manifestações científicas, artísticas e culturais, todas as formas de riqueza social tendem a ser aumentadas, e não suprimidas, no regime de liberdade e justiça que deverá ser instituído no futuro da humanidade.

Conceber-se que todos sejam iguais, da forma porque o fazem os tamborileiros do regime capitalista, seria negar ao anarquismo aquilo que, justamente, lhe é mais essencial: o princípio de liberdade.

Imagine-se, por exemplo, o aspecto desenxabido que se nos ofereceria à vista, se, ao sairmos à rua, encontrássemos todo mundo vestido de azul, preto ou verde, isto é, da mesma forma. Se extendermos a concepção até o modo de pensar, calcule-se uma sociedade em que todos pensassem do mesmo modo, que todos tivessem os mesmos gostos e as mesmas aptidões. Pois é esta pasmeira que muitos julgam que os anarquistas querem com a anarquia!

Todos iguais, sim, mas no direito de viver, e na obrigação de todos em contribuir para a harmonia do conjunto.

Essa contribuição, porém, compreende-se em todos os sentidos. Escrever um livro, pintar um quadro, construir uma locomotiva, inventar, criar, tudo isso é contribuir para que a sociedade possa viver, gozar e perpetuar-se. Em troca da contribuição que recebe do indivíduo, seja ela qual for, desde que vise conservar e construir, esta lhe proporcionará todos os meios para torná-lo feliz: educação, amor, alimentação, vestiário, tudo de que ele precise para a completa satisfação das suas necessidades.

Partindo-se do princípio de que a sociedade pode e deve ser organizada com bases na conservação da espécie, não podemos fugir à lógica de que, quanto menos sofre, mais o indivíduo se conserva; quanto mais culto, mais livre!

Colocando-se o indivíduo livre — e está demonstrado que a tendência de todos os seres vivos é para a liberdade — em um ambiente social onde não encontre obstáculos ao seu desenvolvimento: onde tudo concorra para que alcance a plenitude das suas faculdades criadoras, só podemos esperar uma coletividade capaz de perpetuar-se com inteireza de caráter, e em contínua ascensão para o ideal.

Todos iguais, como os anarquistas concebem a expressão, é dar a todos o direito de viver, não, matando, mas elevando a vida à mais alta expressão de dignidade. Todos iguais para receber os benefícios da vida livre, do amor livre, da consciência livre, da livre manifestação de todos os sentidos. Iguais no dever para todos de fazer alguma coisa útil, contribuindo, cada qual com a sua capacidade física, intelectual, moral ou artística, para o bem de todos.

É assim que os anarquistas concebem a igualdade, a fraternidade e a justiça!

SOUZA PASSOS

A Espanha Libertária e Anti-facista

O fascismo, para tranquilidade do mundo, deveria ter sido sepultado na Espanha, onde o ardor do combatente e a fibra do pensador fundiram o bronze que imortalizou Madrid.

Mas os países das decantadas democracias se fizeram surdas e crêram que aquilo era um castigo que a Espanha merecia. E deixaram-na só. E sózinha lutou! Lutou até que a inferioridade de armas, de um lado, a superioridade numérica das forças invasoras de Mussolini e Hitler, aliadas aos mercenários de Franco, de outro, e, sobretudo, a escassez de alimentos, decidiram a luta a favor de uma grei de renegados que, mais cedo ou mais tarde, teriam de atrelar-se aos destinos de Hitler e Mussolini.

Veu depois o exódo, a peregrinação, e o valente guerrilheiro espanhol teve que deixar sua terra, sua casa, sua noiva, seus filhos e sua própria mãe abandonados à voracidade dos marroquinos, à sanha sanguinária do nazismo, à truculência dos camisas negras, e à estupidez arrogante do falangismo espanhol. O heróico miliciano saiu da Espanha apertando o coração para não chorar e deixando, nas pisadas do caminho, a sublime esperança de voltar. E na fronteira, voltando o seu olhar nostálgico e rebelde por sobre a terra que a juventude regára com seu sangue, murmurou um juramento. Um dia hei de voltar! Um dia voltaremos, disseram todos. E marcharam! Marcharam para o desconhecido, acariciando o sonho promissor de seu regresso. Depois, aprisionados como bestas nos campos franceses de concentração,

ali foram encontrados pelos alemães quando o velho Petain vendeu a França. Destes espanhóis, dezessete mil foram levados aos trabalhos forçados da Alemanha, e do restante quase se ignora o paradeiro. Pobres homens! Se houvessem sabido os padecimentos que os esperavam, talvez preferissem ficar e morrer lutando como fez o heróico anarquista BAJATIERRA, em Madrid.

Tanta inelencência com homens como estes, que davam suas vidas pela liberdade, as nações tinham de pagá-la. E pagaram-na! A Polónia foi a primeira, assim como foi a primeira em reconhecer o governo de Franco. Logo veio a França. Pobre França! Depois a Inglaterra e em seguida, a Rússia. Se houvessem socorrido como deviam ao povo espanhol na luta de gigante que sustentou, salvariam a Europa. Enquanto que assim, as suas cidades também foram destruídas, as suas mulheres também foram violentadas, as suas crianças também foram metralhadas, e, talvez, muitas mães terão enloquecido também, como aquela mãe espanhola que, ao ver o filho despedaçado pela metralha fascista, enlouqueceu, e, internando-se nas matas, como que enojada da civilização, levava sempre um pedaço de pau entre os braços que acariciava como se fosse o seu filho.

E assim a Europa desmoronou esmagada pelo prussianismo barbaresco e selvagem que celebrava os seus triunfos pendurando nas arvores os prisioneiros. Mas, chegou a hora extrema da resistência forçada, e quando o Moloch nazista parecia engulir tudo definitivamente, então, só então as democracias lembraram-se da épica resistência de Madrid. Em Londres, em Leningrado, em Stalingrado, o nome da cidade heroica era o pão de cada dia. Lembrai-vos de Madrid! Imortal Madrid! Resistí como Madrid! Este foi o grito iracundo da resistência. E a resistência venceu!

O monstro nazista teve que encolher suas garras, pouco a pouco e cada vez mais, enquanto que a vitória, esboçando um sorriso tranquilizador, dava aos aliados a certeza do triunfo. E os espanhóis proscritos ficaram no ostracismo, olvidados sempre.

Chegou finalmente a libertação da França, símbolo de liberdade e berço da civilização, onde, pela primeira vez, proclamaram-se os direitos dos homens. E com a França a libertação de Paris. Paris do 89, onde se falou de Igualdade, Liberdade e Fraternidade. Paris da Comuna que teve a glória de ver em suas barricadas lutarem personalidades como Eliseu Reclus, Luiza Michel, Amilcare Cipriani e outras grandes figuras de renome universal.

E verificamos que depois de tantos anos, com grande surpresa para o

mundo todo, naquelas mesmas ruas, por entre os escombros de Paris arruinada, surge a figura ciclopica do guerrilheiro espanhol à frente dos "maquis" franceses, como franco-atirador, derramando seu sangue, peito aberto de proletário, para libertar a França.

E parte da libertação da França pertence aos dignos representantes do D. Quixote. São esses os moínhos de vento que Cervantes pôs em sua obra. Enquanto os espanhóis lutam pela liberdade de outros povos, os outros esquecem a liberdade do povo espanhol.

Libertou-se Paris. Mas a Espanha, não! E o garibaldino espanhol volta o seu olhar para a fronteira, para aquela terra espesinhada onde um juramento se agita e ondula ao vento como uma bandeira: Um dia hei de voltar! Um dia voltaremos, gritaram todos. E os que não morreram lá estão, na fronteira, esperando que desta vez os povos que sentiram em suas próprias carnes as torturas do domínio nazista não se esqueçam que há um povo, o da Espanha, que ainda está disperso e que, na gigantesca batalha que se desenrolou contra o trogloditismo fascista internacional, contam-se aos milhares os pensadores e idealistas espanhóis que caíram tremulando uma bandeira que resume, em poucas e imortais palavras, toda a história da libertação humana:

EL PRECIO DE NUESTRO HERÓICO SACRIFICIO SERA' LA LIBERTAD Y EL BIENESTAR DEL MUNDO!! PEDRO CATALO

Capital e Trabalho

I

Semelha candida ingenuidade a hipócrita forma e método com que apresentam e defendem, teóricamente, o conceito da produção e distribuição das utilidades mais urgentes à subsistência humana os interessados partidários e mantenedores do atual regime estatal-capitalista.

"Fornecedores de capital e de trabalho" são as duas categorias de homens que, consoante essa doutrina, fazem-se necessários nas empresas industriais ou comerciais, isto é, na produção e na distribuição dos gêneros de consumo social.

Ora, para que possa existir harmonia e concordância nessa dualidade de funções em que os homens se apresentam na organização da economia capitalista, é mister que se faça "a fixação, embora a largos traços, dos direitos e obrigações recíprocos que promanam do capital e do trabalho", o que só é possível conseguir enquanto exista "interdependência e solidariedade de ambos os fatores da produção".

O curto aforismo de um dos magnos defensores da escravidão moderna, o papa Leão XIII, sintetiza bem a grande monstruosidade: "Não pode haver capital sem trabalho nem trabalho sem capital".

Talvez aborrega aos que têm o conceito antagonico comunista-libertário trazer à baila tão velho e debatido tema, já solucionado há muito tempo, mas a desculpa está na afirmação hodierna da doutrina social capitalista, a qual confundiu o indivíduo o capital com os meios de produção.

Realmente, se nos atermos ao que comumente se denomina capital, isto é, as ferramentas, as instalações, as máquinas, os melhoramentos do solo (capitais fixos); as matérias primas e os materiais, os combustíveis (capitais circulantes), teremos que nos conformar com a necessidade da cooperação entre os fornecedores de capital e os de trabalho.

Nesse caso, porém, observando-se que esses elementos constitutivos do capital (capital in natura) são necessários à produção, seja a maquinofatura ou a transformação de substâncias brutas em gêneros destinados à manutenção e desenvolvimento da vida e das condições que as favoreçam e prosperem, acerto será classificar, também, o trabalho como capital (capital produtivo-transformador).

No entanto, observando-se a verdadeira significação de capital, "valor pecuniário que constitui a base de uma indústria", representado pela moeda, as letras de banco, os metais preciosos, as notas e todos os títulos que autenticam direitos e cuja função é a permuta mercantil, a negociação de valores (câmbio), concluiremos pela refutação das bases em que assentam os princípios relativos à produção e à distribuição (indústria e comércio) do sistema capitalista.

Ninguém confundirá a diversidade de valores representados pelos meios de produção ativados pelo trabalho humano e o valor pecuniário existente e indispensável nas empresas capitalistas. As ferramentas, as instalações, as máquinas, o solo, os materiais e as matérias primas, desenvolvidos e acionados pelo trabalho do homem, produzem tudo quanto é necessário ao conforto e à manutenção da vida de todo o gênero humano, enquanto que o dinheiro e todos os papéis mercantis produzem, acumulam, o tesouro, o haver apenas daqueles que os possuem e usam (capital lucrativo) e que, fornecedores de capital, não fornecem o trabalho, nada produzindo.

Facil é, daí, deduzir a negação da pretensa utilidade necessária e indispensável do capital e da cooperação entre ele e o trabalho para que possa existir e permanecer o crescimento da produção.

Rápido folhear no desenvolvimento histórico das formas de produção demonstrará à evidência esta verdade infofismavel.

É de Grove Wilson esta afirmação que retrata claramente os princípios que expomos: "Assim, das mais áperas lutas pela existência (entende-se, luta do homem contra o meio bruto) originou-se aquilo que denominamos ciência. Se se pudesse recolher todos os detalhes, preencher todos os intervalos, ver-se-ia que o sulco da ciência alcança, no passado, as criaturas semi-humanas que, no terror e na confusão, se esforçavam em ser humanos". E prossegue o eminente historiador: "Fé este homem, portanto, no seio das coisas que denominou civilização, literalmente o produto do que pensou com a sua cabeça e construiu com as suas mãos."

Perdem-se nos primórdios da civilização as origens das invenções que iriam, revolucionariamente, através de mil lutas em vinte e cinco séculos, desenvolver a vasta soma de conhecimentos científicos que hoje possuímos e as adiantadas realizações

industriais da produtividade de que podemos dispor.

A chamada "Revolução Industrial", a passagem da fabricação manual à grande indústria mecânica, caracteriza-se pelas contínuas transformações e aperfeiçoamentos dos maquinários, empregados desde 1600 e movidos manualmente (combatidos e refreados pelos regulamentos estatais). Nos começos do século XVIII surgiram as primeiras fábricas mecânicas hidráulicas (precedidas dos moinhos de vento). As máquinas a vapor, enquanto fossem descobertas, também, no início do século XVIII (em 1707, por Denis Papin) só foram aplicadas realmente no fim do século (na fábrica de algodão de Nottinghamshire, em 1785). Os motores de explosão foram descobertos pelo belga Etienne Lenoir, em 1859, funcionando pela explosão do gás; aperfeiçoados mais tarde por Otto, na Alemanha e transformados por Diesel, em 1898, permitindo o emprego de óleos pesados. A máquina elétrica, que durante 60 anos (desde a pilha de Volta, em 1800, ao dinamo de Gramme, em 1860, que apenas transformava o movimento em electricidade, e a respectiva reversibilidade, alcançada só em 1873, por Fontaine) preocupou os físicos para a sua consecução somente foi desenvolvida em grandes estações elétricas a partir de 1897.

O desenvolvimento do trabalho mecânico, a par da indústria extrativa, da siderurgia, dos produtos químicos, de mil outras indústrias e da agro-pecuária, que se entrelaçam, se unem, se apoiam e se completam, formando um todo universal no conjunto produtivo dos múltiplos gêneros de consumo (hoje explorado pelo mercado comercialista) demonstra, não só que se vem processando antecipadamente ao capital (muitas vezes contra o capital existente em cada época) mas que no decurso 'esse desenvolvimento é que o capital se tem multiplicado, pela monopolização privada desses mesmos meios, da força ativa do trabalho pessoal e da respectiva e geral produção.

Consoante o princípio capitalista "se há mister de dinheiro e muito dinheiro para o início do negócio e o desenvolvimento dele, para a compra, a conservação e a renovação do "capital in natura", teríamos que admitir a precedência do capital ao trabalho, o que é um disparatado absurdo, com o qual pretendem explicar a infalibilidade do regime capitalista, a moderna superstição econômica.

LIBERTO



"Olhai os lírios do campo" — Tivemos oportunidade de assistir à adaptação da notável obra de Verissimo, em feliz realização dos Estudos São Miguel, magistralmente encenada por Francisco de Paula e Silvana Roth nos principais papeis. Como qualquer obra do autor de "Um Lugar ao Sol", "Olhai os Lírios do Campo" teve ampla aceitação por parte da imensa platéia que lotava os lugares do Marabá. Verdade que somente pôde ser aproveitado o entredo do romance em questão, desprezando-se os detalhes e parte do enredo. Não poderia ser de outra maneira. A exiguidade do tempo e a complexidade do romance, assim o exigiram.

Francisco de Paula, na interpretação de Eugênio, "analista implacável, anseando encontrar um dia a própria alma", nada deixa a desejar. E o cientista recém-formado, o Eugênio incrédulo e materialista, descrente e desconfiado, ainda que, por vezes, alguns lampejos de idealismo lhe aflorem ao espírito num anseio de glorificação por seus ideais de infância. E o Eugênio que emoldura uma vida cheia de recalques adquiridos em consequência de sua atribulada existência, de sua desventura amorosa com Olívia.

Silvana Roth desempenhou ótimamente o seu papel, e talvez fosse insubstituível em sua interpretação. Em algumas cenas, arranca-nos lágrimas, com sua filosofia de bondade, seu espírito de abnegação e sacrifício, procurando confortar, incentivar aos outros, quando ela própria se encontrava em estado de indescritível desespero. "Eu não poderia imaginar uma Olívia tão perfeita, tão espontânea e natural". — Disse, sobre Silvana, o autor de "Olhai os Lírios do Campo".

Dr. Seixas prefere o sensaborismo da ciência ao ilusionismo da arte. Prefere calar, a confortar. Analisa em silêncio, em vez de falar desnecessariamente. Com a serena e precisa intuição do psicólogo nato, não se engana nunca, nada aceita que não seja verdade. Não se entorpece com o ópio das religiões, mas quando fala, seus argumentos atingem diretamente o interlocutor. Também foi muito bem interpretado, de maneira que "Olhai os Lírios do Campo" conseguiu agradar inteiramente à platéia e aos críticos. Está de parabéns a direção dos "Estúdios São Miguel", por nos proporcionar peças como essa.

WALDEMAR

Devemos renunciar á palavra anarquia?

Há motivos para renunciar á palavra anarquia, "mal acreditada", para substituí-la por uma fórmula de confiança, mais "explícita", mais "construtiva", mais "sintética", etc., juntando ás palavras socialismo, comunismo, sindicalismo ou outro qualquer ismo o termo libertário?

Por nossa parte, cremos que se a palavra anarquia assusta é precisamente porque essa palavra constitui uma audaciosa concepção revolucionária como solução atual, para os espíritos dispostos á preguiça mental e ao servilismo.

Enquanto se apresenta como utopia, como devaneio para o espírito, forjando uma hipótese, a nossa doutrina conserva simpatias sorridentes, ás vezes um pouco inquietas; mas, chegada a hora de ser posta em prática, os mais fanaticos defensores da idéia em palavras empalidecem ante a sua realização.

Falemos sem rodeios: á perspectiva de viver sem chefes, sem deuses, sem patrões e sem juizes, em plena responsabilidade de adultos emancipados, longe da paternal autoridade das leis, longe da imagem de um exemplo á seguir — é nisto, precisamente, e não em outra coisa que levemos procurar a causa de todo temor, ás vezes fascinante, que produz a palavra anarquia — e é, sem duvida alguma, o infantilismo mental dos povos habituados a obedecer e ao uso do temor feliçioso que faz da palavra anarquia — tão pouco agressiva no sentido etimológico (não governo) — o símbolo universal do caos sangrento, da desordem dos costumes, da negação de toda a vida social.

O problema não está, pois, nas palavras, e sim no fundo das coisas: para chegar á liberdade pela liberdade, necessário se torna achar um meio de fazer aceitar ao povo a idéia, a situação responsável da idade adulta, com todas as consequencias.

A palavra liberdade, o objetivo libertário, enquanto formulas, gozam de uma acolhida favoravel. E' que elas dão lugar a uma interpretação inocente e infantil: aquela da liberalidade dos donos ou das leis, aquela da possessão das liberdades concedidas. A idéia apaziguadora da autorização, da concessão, da permissão, é um balsamo para os corações debéis.

Quereis prestar-vos a exitos facéis de propaganda? Apresentai aos buscadores de felicidade e segurança (maioria natural de todos os auditorios) uma maquete de sociedade completamente feita de tons dourados, como uma jaula nova e bonita; depois fazei-os admirar quão espaçosa e libertária é essa jaula: mostrai-lhes bem a alcorva, o banheiro e todas as dependencias destinadas a oferecer conforto e frivolidade. Poderéis contar com os aplausos entusiastas daqueles que desejam arrendar a bela jaula do futuro.

Mas se convidais a cada um dos assistentes a dar-se ao trabalho de organizar por si a sua própria vida, fazendo — isto não seria mais que um pensamento — abstração de toda a autoridade tutelar; se propusesseis ao vosso publico, como programa, a defesa solidaria e comum da autonomia de cada um; se insistissemos para emprender esta realização em um prazo determinado, não tardaríeis em ver as coisas sombrias.

O problema está, pois, não em fazer amar as liberdades, mas em fazer amar a liberdade, o que não é a mesma coisa.

O problema está em fazer acreditar na liberdade integral, em fazer aceitar a responsabilidade de lutar por ela, desprezando todas as consequencias e riscos. O problema está em fazer aceitar a anarquia — compreendendo o caos transitorio e o esforço que é preciso fazer para seguir adiante. O problema está em fazer aceitar e lutar por um mundo "sem amos nem senhores" como coisa preferivel á "ordem" atual existente. Por isso repetimos com Elizeu Reclus: O dragão que está á porta da anarquia nada tem de terrível. E' apenas uma palavra.

G. CELLO

A Imprensa Libertaria Internacional

Não obstante a carencia de recursos com que lutam os anarquistas para sustentarem as suas iniciativas, pois não contam com fundos de partidos nem com contribuições excusas, a imprensa libertaria, após a borrasca fascista, resurge por toda a parte com uma vivacidade de entusiasmar.

Como uma demonstração disso, registramos uma parte dos jornais anarquistas e sindicais anarco-sindicalistas que recebemos.

AFRICA

Alger
"Boletim de Informacion y Orientación" (Destinado á militancia do movimento libertario espanhol emigrado na Africa do Norte).
"Solidaridad Obrera" (Orgão do movimento libertario espanhol na Africa do Norte).

ARGENTINA

Buenos Aires
"Accion Libertaria" (Orgão da organização anarquista F. A. C. A. — Federação Argentina Comunista Anarquista).
"Boletim le Las Juventudes Libertarias" — (Orgão da Juventude Libertaria Argentina).
"De Pie!" (Orgão da agrupação estudantil anarquista).
"La Obra" — Duilio Martinez, Deán Funes, 424.
"Organizacion Obrera" — (Orgão da Federação Obrera Regional Argentina) — Carlos Kristof, Venezuela, 3955.
"El Obrero Calderero" — Orgão mensal da Sociedade de Resistencia de Obreros Caldereros y Anexos, aderida á Federación Obrera en Construcciones Navales. Brandsen, 736.
"Orientacion Sindical" — Orgão da agrupação dos trabalhadores em madeira. Venezuela, 3955.
"La Protesta" — Esteban Delmastro, Calle Vieytes, 894.

CHILE

Santiago
"El Andamio" — (Orgão do conselho Nacional de relações da União em Resistencia de Estudadores y R. no Chile) — Ramon Dominguez, San Diego, 262.
Valparaíso:
"El Hombre" — Orgão do Grupo Arenas.

CUBA

Havana:
"Solidaridad" — Orgão da Associação Libertaria de Cuba) — Domingos Alonso, Apartado, 1297.

ESPAÑA

Em algum lugar:
"Ruta" — Orgão das Juventudes Libertarias da Catalunha e Baleares. Porta-voz da F. I. J. L. — Federação Iberica das Juventudes Libertarias.
"Tierra Y Libertad" — (Orgão da Federação Anarquista Iberica).

ESTADOS UNIDOS

Nova York:
"Cultura Proletaria" — Box 1, Station Cooper, Nova York 3.
"L'Adunata dei Refrattari" — Em lingua italiana — P. O. Box 7071, Roseville Station, Newark 7, New Jersey.
"Dielo Trouda-Probuzhdenie" — P. O. Box, 54, Cooper Station, Nova York, 3, N. Y.

FRANÇA

Paris:
"Boletim do Secretariado Provisorio de Relações Internacionais" — (Para a preparação do Congresso Anarquista Internacional).
"Le Combat Syndicaliste" — (Section Française de L'Association Internationale des Travailleurs — Orgão de la Confederation Nationale du Travail — C.N.T.) 47, rue de la Victoire, Paris (9e).
"Crisol" — (Orgão da F.I.J.L. zona norte) — 6, rue de la Douane, 6, Paris (Xe).
"Le Liberaire" — (Orgão da Federação Anarquista) — 145, Quai de Valmy, Paris (X).
"Solidaridad Obrera" — (Orgão do M. L. Espanhol — C.N.T. na França 11.ª região) 1, rue Fontaine-au-Roi, Paris (XI).

Toulouse:

"Internacional Juvenil Anarquista" — I.J.A. — (Boletim de orientação e informação mundial) Mensal, em espanhol, francês e esperanto. — Julio Petán, 25 Place Marengo, (H. G.).
"C.N.T." — (Orgão do M.L.E. — C. N.T. na França) — R. Santamaria, 50 Allées Jean Jaurés, Toulouse (H. C.).
"Ruta" — (Orgão da F.I.J.L. na França) — A. Fernandez, 25, Place Marengo, Toulouse (H. G.).

"S.I.A." — (Orgão da Seção Francesa de Solidariedade Internacional Anti-fascista.) Batet Henri, 4, rue Belfort.

"Universo" — (Revista de sociologia, ciência, arte) — Publicada em francês e espanhol, 4, rue Belfort, Toulouse (H.G.).

Rennes:

"Libertad" — (Orgão Regional de Bretana — A.I.T.) — C. Cabestany, 8, rue de Nantes, Rennes, Ille et Vilaine.

INGLATERRA

Londres:

"Direct Action" — (Orgão da Federação Anarquista da Britania). 59, Malham Road, Forest Hill, London, S. E. 23.
"Reconstruction" — (Orgão da M. L. E. na Inglaterra) J. Cabanas, 159, Ledbury Road, London, W. 11.

ITALIA

Roma:

"Umanità Nova" — Via Parma, n.º 3.

Carrara:

"Il Cavatore" — (Orgão dos trabalhadores Apuani) — Piazza Garibaldi, 5.

Forli:

"L'Aurora" — Corso Diaz, 60.

Milão:

"Gioventu" Anarchica" — (Orgão da Federação Anarquista Italiana) Leonida Guberti, Via Palmieri, n.º 6.
"Il Libertario" — (Orgão da Federação Anarquista Lombarda). Piazza G. Grandi, 4.

Napoles:

"Scintilla..." Roberto Marvasi, Montecalvario, 15.
"Volontá" — (Revista mensal do movimento anarquico de lingua italiana) Casella Postale, 348.

Palermo:

"L'Uestro Anarchico" — (Orgão do Grupo Anarquista Parlamentano). Ignazio Dell'Aría, Via A. Cirincione, 44.

Turim:

"Era Nuova" — (Quinzenario anarquista — F.A.I.). Corso Principe Oddone, 22.

MEXICO

Mexico:

"Solidaridad Obrera" — (Orgão dos Militantes Cenetistas no Exilio — Orgão da Confederação Nacional do Trabalho da Espanha).
"Tierra Y Libertad" — Hermildo Alonso, Apartado Postal, 1563.

PERU

Lima:

"La Protesta" — (Orgão dos grupos Libertarios do Peru) — P. Vera, Sáenz Pena 169.

Chabara:

"El Campesino" — (Orgão da Federação de Trabalhadores Campones de Chabara e Anexos). — Salaverri 563, Huacho Peru.

PORTUGAL

Em algum lugar:

"A Batalha" — (Orgão da Confederação Geral do Trabalho — Aderente á A.I.T.).

SUECIA

Estocolmo:

"A.I.T." — (Serviço de Imprensa da Associação Internacional dos Trabalhadores). John Anderson, Box 415, Estocolmo 1.

SUISSA

Genebra:

"Il Risveglio Anarchico" — Casella Postale 9.

Postfach:

"Arbeitsgemeinschaft Freiheitliches Sozialisten" — Basel IV, 121.

URUGUAI

Montevideo:

"Inquittud" — Miguel Silveti, Galicia 1532.
"Solidaridad" — (Orgão da Federação Obreira Regional Uruguala) — Luiz Goldberg, Rio Branco 1511.
"Voluntad" — (Orgão da Agrupação Anarquista Voluntad) Luis Aldao, Casilla de Correo, 637.

A POLITICA E' UM ENTORPECENTE DAS ENERGIAS POPULARES. POR ISSO, OS DIREITOS DO POVO DEVEM SER TRATADOS DIRETAMENTE PELO PROPRIO POVO. FUNDEM-SE LIGAS DE CONSUMIDORES E INQUILINOS, AGINDO NOS BAIRROS, QUARTEIRÕES E RUAS

A PLEBE

S. PAULO, 15 DE JANEIRO DE 1948

ANO 31 — NUM. 12 (Nova fase)

GRILHETAS PARTIDAS!

Os jornais anarquistas que nos chegam da Argentina, onde o movimento libertário retomou o ritmo e a pujança que sempre o caracterizou, trazem-nos uma notícia alvargreira: Após 14 anos de prisão e torturas nos cárceres de San Martín, foram postos em liberdade os cinco ladrilheiros que ali cumpriam penas de 25 anos, a que foram condenados injustamente por motivo de greve. São eles: Adelino Dominguez, Domingo Perotti, Sebastião Zolli, Celio Conti e Mario Montiglio.

Vamos recapitular os acontecimentos que determinaram a prisão desses abenegados camaradas, pôdo assim os trabalhadores brasileiros ao par de uma infamia das autoridades argentinas, que levam o seu zelo de guardiães do capitalismo ao ponto de cometer monstruosidades como essa que levou ao cárcere os cinco ladrilheiros de San Martín, agora arancados e devolvidos à vida livre pela ação coesa e consciente do proletariado argentino.

No ano de 1933 a provincia de Buenos Aires testemunhou a deflagração de uma onda de violências e perseguições aos trabalhadores por parte dos poderes constituídos e das forças reacionárias ao serviço do capitalismo, provocando protestos e greves, dentre os quais o movimento grevista dos operários ladrilheiros, cuja resistência e firmeza de convicções assombrou o mundo, irritando o patronato que tudo fez para forçar os trabalhadores a voltar ao trabalho e fazer fracassar a greve.

Entre os episódios sangrentos registrados naquela ocasião, ficou uma página criminosa com o assassinio frio e brutal de Jorge Pichio, operário ladrilheiro, morto covardemente por um burguês no momento em que, escolhido por seus companheiros para integrar uma comissão de conciliação, entregava um memorial de reivindicações para pôr termo ao movimento grevista.

As prisões de Buenos Aires encheram-se de trabalhadores. Entre esses, Adelino Dominguez, Domingo Perotti, Sebastião Zolli, Celio Conti e Mario Montiglio, aos quais, pela sua destacada atuação no movimento libertário, a burguesia reacionária, sempre á procura de bodes explotorios para o rosario de suas vítimas, entendeu de fazer responsáveis pelas greves com que o proletariado argentino respondia às suas investidas reacionárias.

Iniciado o processo, vergonhoso processo de mentiras e calúnias, de violências e brutalidades praticadas nas pessoas dos cinco mártires para lhe arrancar confissões de que precisavam para justificar o seu crime monstruoso, surge uma figura repente de sabujo fascista, Roberto Uzal, que teve esta frase divulgada por toda a imprensa: "A estes anarquistas é preciso quebrar-lhe os ossos".

Terminado o processo vergonhoso que responsabilizava os cinco ladrilheiros, foram estes condenados a penas que variavam de 25 anos à prisão perpétua.

Em fase de tamanha monstruosidade, seguiu-se uma onda de protestos e a F.O.R.A. iniciou uma campanha de agitação em prol da libertação dos cinco acusados de San Martín.

Em consequência dessa agitação, foram comutadas as penas por um decreto vergonhoso e ridículo, que aliviava apenas de três anos a pena a que foram condenados.

Recrudescu a campanha da F.O.R.A. por entre peripeças e sobresaltos, até culminar na libertação, agora, dos quatro ladrilheiros. Sim, porque um deles, Mario Montiglio, foi também posto em liberdade. Mas foi devolvido ao seio de seus companheiros, de sua família em lamentável estado de insanidade. Vejamos como "Organización Obrera", de Buenos Aires, descreve a forma em que foi dada liberdade a este companheiro:

"Nos complicaríamos com uma situação vergonzosa si no denunciáramos a forma inhumana em que recuperou si libertad Mario Montiglio. En efecto, sin aviso previo a sus familiares, dado su estado de inconciencia, fué posto en la calle

Em liberdade os ladrilheiros de San Martín, na Argentina. Após uma campanha levada a efeito pelo Comitê Pró-Presos e Deportados da F.O.R.A. (Federación Obrera Regional Argentina), foram devolvidos à vida e à liberdade os cinco mártires de San Martín.

desde el hospicio Melchor Romero, donde estaba recluso, cremos que el día 20 de noviembre, em horas de la mañana. Esse mesmo dia, al atardecer, una compañera que circunstancialmente pasaba por la esquina de las Calles Suarez y Montes de Oca, de esta capital, sorprendió al compañero Mario Montiglio. Lo había visitado en una oportunidad en Melchor Romero y fué tan grande e indeleble la impresión que recibiera que su figura quedole grabada para siempre, lo que facilitó su pronto reconocimiento".

Neste trecho de um comentário de "Organización Obrera" está estampada a realidade impressionante de uma vida levada ao manicomio em consequência dos maus tratos e torturas infligidas na pessoa física de Mario Montiglio, que será para sempre uma acusação viva e brutal à sociedade sem alma que incuba tantos delinquentes e permite tanta vergonha, conforme termina o comentarista.

Quando o homem adquire convicções idealistas capazes de transformar o pensamento em ação, não há forças que possam impedir a idéia em marcha de prosseguir o caminho trilhado. A luta pela liberdade revestese através dos seculos, de tal força de expressão e idealismo que as tiranias tombam e passam por cima dos cadáveres de mártires de todos os tempos. Mas a idéia fica, o princípio de liberdade anima, e o mundo assiste a coisas assombrosas: João Huss queimado numa fogueira pelo fanatismo religioso, mas suportando, impávido, a dança das labaredas a carbonizar-lhe as carnes por não renegar às suas convicções idealistas; sombras de ex-homens arrastando correntes através das estepes russas a caminho da Sibéria, corpos em frangalhos, semi-mortos, mas radiantes nas pupilas que divisam o sol da liberdade que vive em seus pensamentos e nas suas idéias; os mártires de Chicago pendurados nas forcas assassinas, mas fazendo, nos últimos instantes de sua vida, profissão de fé libertária; Sacco e Vanzetti sentados na cadeira elétrica, a caminho da morte, mas impressionando e assombrando o mundo com firmeza de seus princípios.

Seria interminável a lista dos que tombaram pela liberdade, mas o nosso objetivo está voltado para as figuras dos cinco ladrilheiros de San Martín, agora libertados. Apesar de haverem estado durante longos 14 anos segregados da sociedade, presos e torturados no presidio de San Martín, vejamos como eles mesmos expressam a sua convicção idealista nesta saudação ao proletariado regional e do exterior:

"Durante 14 longos anos de injusto encerramento na prisão, expressamos a nossa confiança nas forças do trabalho, como unica forma de recuperar a nossa liberdade. Hoje, na rua, comprovamos satisfeitos que não nos havíamos equivocado. Pelo vosso esforço, camaradas proletarios de todo mundo, abrimos-se para nós as portas da prisão. De todas as partes e em todos os tons temos recebido as manifestações de vossa solidariedade. Sabíamos, através dessas expressões de solidariedade, que haviéis feito de nossa causa uma bandeira das vossas mais caras aspirações. Ao silencio de nossas celas nos chegava o eco de vossos protestos e compreendíamos então que o dia de nossa reparação não estava longe. Conhecemos, porque somos filhos da dor e do trabalho, o valor e a força que representa a solidariedade proletaria. E

confiamos esperanzados. E vós não decepcionasteis as nossas esperanças.

Agora em liberdade, nós vos abraçamos alegres e jubilosos. Não pela nossa situação atual que os homens somos simples acidentes no progresso humano — mas porque, em defesa da nossa causa, atacasteis as raízes das injustiças sociais: a sociedade capitalista do privilegio que tornou possível este crime jurídico, um elo a mais na longa cadeia de sangue do martirio proletario. Por isso nossas consciências saem, apesar de todas as torturas e padecimentos sofridos, limpas de odios aos homens, mas animadas do mesmo entusiasmo militante que tínhamos antes, e com a mesma disposição de lutar contra o regime da sociedade atual, fonte de todas as injustiças.

As organizações da F.O.R.A., por cuja defesa nos perseguiram e nos torturaram, assim como ao proletariado regional e internacional, que tanto contribuíram para a conquista da nossa liberdade, divulgando a monstruosidade do nosso processo e da nossa inocencia, lhes estreitamos as mãos livres e saudamos-os fraternalmente".

A esses abenegados companheiros de luta e de idealismo, que assim expressam as suas convicções e o seu desejo de lutar pela liberdade de todos os seres humanos, o nosso aplauso e a nossa admiração sincera.

GOVERNO E SOCIALISMO

Não é verdade que mudadas as condições sociais, o governo mudaria de natureza e função. Órgão e função são termos inseparáveis. Tiral a um órgão a sua função, e, ou o órgão morre ou a função se reconstitui. Ponde um exército num país onde não haja nem razões nem temores de guerra interna ou externa, e ele provará a guerra ou, se o não conseguir, dissolver-se-á.

Uma polícia onde não haja crimes a descobrir e criminosos a prender, provocará, inventará crimes e criminosos, ou deixará de existir.

Um governo, isto é, um grupo de pessoas encarregadas de fazer leis e habilitado a servir-se da força de todos para obrigar cada um a respeitá-las, constitui já uma classe privilegiada e separada do povo.

Ela procurará instintivamente, como todo corpo constituído, alargar as suas atribuições, subtrair-se à fiscalização do povo, impor as suas tendências e fazer predominar os seus interesses particulares.

Colocado em posição privilegiada, o governo já se acha em antagonismo com a massa, de cuja força dispõe. Demais um governo, embora o quisesse, não poderia contentar a todos, se conseguisse contentar alguém. Teria de se defender dos descontentes, e de interessar uma parte do povo pela sua existência, afim de ser apoiado.

E assim recomearia a velha história da classe privilegiada que se constitui com a cumplicidade do governo, e que monopolizaria certamente lugares de favor, criados de propósito, e não seria menos exploradora e opressora que a classe capitalista.

A PUBLICAÇÃO DE "A PLEBE"

Toda sorte de embaraços dificultam a vida de um jornal em luta franca contra todas as tiranias como é "A Plebe".

Além da natural pobreza de recursos economicos de um movimento de minoria que conta apenas com as contribuições dos adeptos da causa que defende — ainda devemos vencer uma obra sistemática de boicotagem e de sabotagem com a qual os nossos implacáveis inimigos nos pretendem esmagar.

Agora isso, ainda temos tido de suportar dificuldades de ordem gráfica, que contribuíram para um novo atraso no aparecimento deste número.

Entretanto, contando com a cooperação ativa de todos os companheiros, trataremos de regularizar o aparecimento de "A Plebe" — cuja existência dia a dia se torna mais necessária.



ORIGINAL DE KÄTHE KOLLWITZ - ADAPTAÇÃO DE ROSI

ISTO É A SOCIEDADE BURGUESA!

Criaturas atiradas à miséria — enquanto os capitalistas exploradores esbanjam fortunas ganhas pelos trabalhadores.

O Facismo em Portugal

Que beleza de regime!
Sómente pela ação do próprio povo virá a sua libertação

Um nosso amigo recebeu do velho país a "beira-mar plantado" uma carta de um irmão que pinta maravilhosamente a situação moral e educativa do negregado regime fascista-salazarista que há tantos anos vem infelicitando o pobre, mas heroico povo português, que vive algemado e acorrentado a um sistema político de violencia incompatível com as necessidades do povo e com a moderna concepção democratica e libertaria das modernas gerações.

Eis o trecho em questão:

"Aqui tem sido criadas escolas em muitas terras que nunca as tinham tido até á data. Claro, tudo isso, todo esse amor pela instrução leva água no "bico". Sim, o governo tem grande interesse em educar e preparar adeptos para o atual regime. Os livros são escolhidos e também os professores, de modo a tudo convergir para o fim em vista: embrutecer e orientar as novas gerações no caminho de adesão e sustentação do odiado regime ditatorial que nos infelicitou. Ora, vê: Dentro da escola e bem no alto ostenta-se, pregado á parede, um crucifixo em meio a dois grandes quadros, um do Carmona e outro do Salazar. — Pobre Cristo! Dizem que morreu há dois mil anos, pregado na cruz, entre dois ladrões, e, após vinte séculos, ainda se encontra na mesma situação!... As crianças, ao entrar, saudam-nos fascisticamente e, quando saem é recuando até á porta de modo a não lhes virar as costas. O dia de sábado é exclusivamente dedicado ao estudo do catecismo. Por este pano de amostra deves fazer idéia do que serão os futuros cidadãos deste pobre Portugal".

Alí está em toda a sua nudez e simplicidade o quadro exato da situação reacionária a que está reduzido

Os governantes, habituados ao comando, não queriam voltar para o povo, e se não pudessem conservar nas suas mãos o poder, segurariam as posições privilegiadas para quando o tivessem de passar a outros.

Usariam de todos os meios que o poder tem para fazerem eleger como sucessores os seus amigos, pelos quais seriam a seu turno apoiados e protegidos.

E assim o governo passaria e repassaria pelas mesmas mãos, e a democracia, que é o pretensão governo de todos, acabaria como sempre em oligarquia, que é o governo de poucos, o governo duma classe.

E que oligarquia prepotente, opressiva, absorvente, seria a que tivesse a seu cargo, isto é, á sua disposição, todo capital social, todos os serviços públicos, desde a alimentação ao fabrico dos fosforos, das universidades aos teatros de opereta!

Mas suponhamos ainda que o governo não constituiria já de per si uma classe privilegiada e poderia viver sem criar em volta uma nova classe de privilegiados e ficando o representante, o servo, si assim o que-rem, de toda a sociedade.

Para que serviria ele? Em que e de que modo aumentaria a força, a inteligência, o espirito de solidariedade, o cuidado do bem-estar de todos e da humanidade futura, que num dado momento existem numa dada sociedade?

E sempre a velha história do homem amarrado, que tendo conseguido viver apesar dos laços que o prendiam, imagina viver por causa deles. Estamos habituados a viver sob um

povo cujas ansias de liberdade sempre repercutiram pelo mundo inteiro. Nada precisamos acrescentar. Os leitores tirem por si mesmos as conclusões.

"A Batalha", o glorioso diario da Confederação Geral do Trabalho, que agora está aparecendo clandestinamente, apesar de toda a vigilância dos janizarios do fascismo salazarista, assim apresenta a luta em prol da libertação do povo português:

"O fascismo iberico não será destruido através da burocracia da O. N. U. nem com frases altissonantes ou gestos teatrais do anti-fascismo politico.

Salazar e Franco, Irmanados no mesmo sentimento liberticida e agentes executores da seita vaticanista, só cairão pela ação revolucionaria das massas laboriosas unidas a todos os homens de boa vontade que, por cima de sua atual condição social, aspiram sinceramente ver as sociedades humanas livres do totalitarismo politico e economico do capitalismo e do imperialismo anti-progressista da Igreja.

Os anárco-sindicalistas e anarquistas de Portugal e de Espanha, apesar das deportações e fusilamentos dos seus melhores militantes, estão dispostos para a batalha decisiva contra o fascismo peninsular.

A hora é de ação revolucionaria responsabilmente organizada e orientada no sentido de tornar impossível o imperio da injustiça social que determina a luxuosa abundância para uma insignificante minoria e a miséria mais degradante para a imensa maioria dos que tudo produzem para o bem-estar dos homens".

governo que açambarca todas as forças, inteligências, vontades que pode dirigir para os seus fins; estorva, paralisa, suprime as que lhe são inúteis ou hostis — e pensamos que tudo o que se faz na sociedade é por obra do governo e que sem governo não haveria na sociedade nem força, nem inteligência nem boa vontade.

Que pode o governo acrescentar de seu às forças morais e materiais que existem numa sociedade? Será ele por acaso como o Deus da Biblia que cria do nada?

Assim como nada se cria no mundo que se costuma chamar material, assim também nada se cria nesta forma mais complicada do mundo material que é o mundo social.

E por isso os governantes não podem dispor das forças existentes na sociedade — menos aquelas, importantíssimas, que a ação governamental paralisa e destrói, menos as forças rebeldes, menos tudo o que se gasta nos atritos, enormes fatalmente num mecanismo tão artificial.

Se alguma coisa pôe de seu, é como homens e não como governantes que o podem fazer.

E das forças, materiais e morais, que ficam á disposição do governo, só uma parte pequenissima recebe um destino realmente util á sociedade.

O resto, ou é consumido na atividade repressiva para refrear as forças rebeldes, ou é de outro modo desviado do fim de utilidade geral e empregado em proveito de poucos e em prejuizo da maioria dos seres humanos.

ERICO MALATESTA